

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO VIII



COIMBRA / 1959

A «História» de Cadornega no Museu Britânico

Percorrendo, no ano de 1955, varios documentos na biblioteca do Museu Britânico, tive ensejo de examinar mais de perto o códice n.º 15.183, sumariamente assim descrito no conhecido *Catálogo dos Mss. Portuguezes existentes no Museu Britânico*, da autoria de F. F. Figanière em 1854 (p. 289) :

«Fol. 22— Historia do reino de Angola, em duas partes; a cha-se imperfeita no fim.

Fol. 231 — Fragmentos da *Historia geral das Guerra Angolanas*.

Todos os precedentes papeis foram escriptos no século passado, e são em portuguez.»'

Ora, as folhas '231 -255 (numeração moderna, a lápis, ou sejam 159-236 da numeração original do 'autor, a tinta) são folhas do *próprio original* do tomo II de Cadomega, escritas com a sua própria mão e letra; sem dúvida há mais de um século roubadas ao tomo que falta na biblioteca da Academia das Ciências, onde agora somente se encontram os tomos i e m. 'Começam com a «Segunda Parte do Segundo Tomo», ou seja na parte correspondente à página 166, linha 16, do segundo tomo da edição de 1940, feita pelo Conego José Matias Delgado, e acabam no curso do «Capítulo Terceiro da Terceira Parte do Segundo Tomo da História general das Guerras Angolanas em o governo do Senado da Camara», ou seja com a frase «... o capitão da Forlbaleza que então era João Pilarte, aos Arrayáis do Bengo», em p. 241 da referida edição impressa. Não são de todo completos, porque faltam as páginas 179-180 e 201-224 do original.

Infelizmente, entre estas folhas avulsas não há nenhum frontispício nem desenho. Mas não tenho a menor dúvida de que se trata do original do tomo II -perdido, visto que a letra é exactamente a mesma do próprio original dos tomos i e m da Academia. Aliás a letra de Cadomega é inconfundível, como se pode ver

confrontando a reprodução fotográfica que juntamos com as da edição de 1941.

As fis. 22-'280 deste mesmo códice 15.180, contêm uma versão incompleta e bastante modificada da *História Geral das Guerras Angolanas*, escrita ou copiada por volta de 1720-1745 em Luanda, como se vê por várias indicações no texto. Muitas das referências que Cadornega faz a si mesmo no original de 1681 (e assim na edição de 1940) vêm aqui suprimidas ou alteradas. Em vez do seu próprio nome, ele é geralmente citado como um «especulativo» ou «um curioso» na terceira pessoa. De algumas notas marginais colhe-se a impressão '(mas é só impressão) que esta versão foi compilada por um Jesuíta, impressão reforçada pelo facto de que no texto há várias referências muito elogiosas à obra dos Jesuítas que faltam no original de Cadornega. Também (como se vê adiante), os capítulos que tratam da reconquista de Luanda em 1048 são tomados não de Cadornega, mas sim, textualmente, da obra do Padre Simão de Vasconcelos, S. J., *Vida do Padre Joam <T> Almeida*, S. J., '(Lisboa, 1058). Passo, pois, a enumerar algumas das diferenças mais curiosas entre a obra original de Cadornega '(valendo-me da edição do Cónego Delgado de 1940-42) e esta versão da Luanda oitocentista.

Fl. 24 — A propósito da descrição da ermida e fortaleza do Cabo, na ilha 'de Luanda, aliás tirada da de Cadornega (Tomo m, pp. 34-44 da edição de 1942) há uma nota marginal que reza assim: «desta Ermida pera a parte que chega a ponta tem se aberto muito e fica já a fortaleza no m'eyo do mar de que vira irse toda no mar abrió no ano de 1719 e *vay crescendo outra vez em anno de 1745*» jC).

FL 31 verso — A propósito da morte de Paulo Dias de Novais em Massangano, em 1589, aliás conforme a versão de Cadornega (Tomo i, p. 45 da edição de 1949), há outra nota marginal que reza assim: «No archivo e cartorio da Companhia de Jesus de Angola se adia e está o testamento do primeyro Conquistador e Governador Paulo Dias de Novais».

Pena é que da perseguição pombalina tenha resultado (segundo parece) a perda de tão precioso subsídio para o conherimento da vida e morte do grande herói!

(³) A última frase sublinhada foi escrita por outra mão.

Fis. 36 verso-37 recto — Aqui vem uma das raríssimas referências a Cadornega e a admissão de que ele é a fonte principal desta obra, numa passagem que, aliás, tem algumas diferenças com o trecho correspondente em tomo i, pp. 67-68 da edição de 1940:

«...Trazendo em sua companhia (o Governador João Rodrigues Coutinho) muita gente de guerra assim Portuguezes como Espanhóis versados em guerras da Africa, com outras muitas preparações de guerra, pera tratar de ir por diante com as conquistas destes reinos principalmente o de Angola pera o que troxe hũa ptovizam real em que havia por calefidos os serviços feitos pellos conquistadores do dito Reino de Angola como que se foram feitos em Africa, e nas armadas, e nas partes da India, e porque depois da tomada da terra pello Flamengo se achou eslfca dita provizam em a villa de Victoria de Massangano, e a mandou bollar no livro da camara daquella villa o especulativo de todas estas noticias Antonio Oliveyra de Cadornega sendo nela o Juiz como também fez sendo vereador mais velho governando Francisco de Tavora em Lroanda de Sam Paulo da Assumpçam sendo o dito senador vereador mais velho em tempo que foi governador o Conde de Alvor como está dito Francisco de Tavora, pera que esta merce real constasse a todo o tempo, de que o treslado desta historia se veja vay conifforme o seu teor de que consta» etc..

Fl. 71 verso — É curioso notar a diferença entre o comentário que faz à recepção feita pelo Governador Pedro César de Meneses à embaixada enviada pela Rainha Ginga e o trecho correspondente no tomo i, p. 2*10, linhas 5-20, da edição de 1940:

i«Pera este gentio hê necessário todo o aparato guerreiro e imperio porque he o que respeitam, e atemorizam, e tanto assim que qualquer morador quando anda pellas conquistas, e se acazo passa por terra de algum Sova e por mais que seja muito nobre Portuguez em nam levando consigo muitos escravos negros e negras do serviço da caza a que chamam Mocamas e os que servem de porta para fora como lavadeiras, cozinheiras, e outra gente pera lenha e agua, com muitos negros carregadores e muitos maribeiros com todos os instrumentos *e chuchalhos e pandeiros, e violas da moda dos mesmos gentios e com muitas trombetas, por fidalgo que seja, nam fazem caso delle dizendo que he hum pobertam, que nellas a pobreza he o mayor vituperio, e o mais vil com aparato

e bem vestido esse he o nobre a que chamam Cota riamundele quem refere isto he o perargrafo (?) com esta admiraçam ja he morto, se vivo estivera neste Reino de Angola dicera como dizem os discretos que nam he Angola pera os honrados porque lhe ficou a mesma tinha do gentio que o luzido de huns galoins e huns puluilhos em cabellos postiços da nobreza ainda que se nam tenha pago a conta da cabileira a metade, e com os séculos que viram estes foram de muito sangue em Angola pellas guerras que se referem, hoje sangradores das veas e bolças fazem guerras pera serem fidalgos».

Fl. 82 verso — Depois de contar a chegada do governador Pedro César de Meneses com os fugitivos de Luanda ao *ar imo* dos Jesuítas no Bengo, logo depois da tomada da cidade pelos Holandeses no ano de 1641, vem este trecho abaixo, que é muito diferente do parágrafo correspondente no tomo i, p. 240, linhas 212-34 da edição de 1640 :

«... e muitos capitães mores os ajudaram, e conquistadores segundo tenho alcansado de huns velhos papeis de quem tinha escripto como tenha referido e este hum mui antigo que foi nestes Reinos, que se achou nesta tomada da terra pelos Olandezes, que curiozamente colheo de alguns papeis antigos, e provizoens que tinham passado os governadores antigos, e de alguns assentos, e com o que se segue de que hê dito curiozo Testemunha de vista por quanto se achou nesta Trabalhoza retirada e tomada da Terra de Loanda pello Flamengo se verá nesta segunda parte muitas noticias que se devem ponderar o muito que Deos nosso Senhor tem conservado esta terra de Loanda pera ter lux da fé Catholica estes pobres pretos e se salvarem algumas almas déliés e dos que morrem na infancia «com o ;Santo Sacramento do Baptismo.»

Começa aqui o Capítulo I da Segunda Parte: «Naquella amena fazenda dos Padres da Companhia de Jesus ficou o governador e Capitam Geral», etc., que corresponde, mais ou menos, ao capítulo viu da Segunda Parte no Tomo i, p. 241, da edição impressa de 1940.

Fis. 190-196 — Narrando a restauração de Luanda por Salvador Córrela de Sá e Benevides em 1648, é completamente diferente da versão de Cadornega (Tomo n, pp. 1-31 da edição de 1940), mas é tomado textualmente da obra ;do Padre Simão de Vasconcelos, S. J., *Vida do Padre Joam d?Almeida* ;(Lisboa, 1658), pp. 2)28-234,,

sem que, porém, explicitamente indique este livro como sendo a fonte.

(É de notar, igualmente, que toldas as referências que Cador-nega faz à sua própria acção na jornada vitoriosa contra a Rainha Ginga em Março de 1646 (Tomo i, pp. 393-4J22 da edição de 1940), e na jornada para descercar Muxima em Outubro do mesmo ano (Tomo i, pp. 457-487 da edição de 1940) são cuidadosamente suprimidas nos trechos correspondentes do Códice 15.188' do Museu Britânico. Por exemplo, em vez da anedota que Cadomega relata no Tomo i, pp. 474-75 da edição de 1940, sobre o pescado e farinha de guerra que ele partilhava com o seu camarada Francisco Correia da Silva, durante a jornada de Muxima, vêm no Códice 15.183, a ffs. 166-6, as seguintes considerações acerca do *cacimbo* e doenças de Angola que faltam por completo no original de 1681, tendo sido escritas por volta de 1721:

«Cauzam graves doenças nestes Reinos 'e muita mortandade de gente ja experiencia feita como socedeeo no anuo de 1667 que continuaram alguns oito mezes que era tanta mortandade que saindo a tumba da Mizericordia as seis horas de menha se reecolia de noite as nove e as dez horas davam a Doenças de Malignas (*sic*) em todos que quem se livrava do quinto dia ficava escapo, e o mesmo se experimentou na era de 1720, em que sendo poucos que havião e esses moradores bem antigos da terra principaes e cidadãoes sem serem malignas bastantes delles morreram sem se poder com nenhuns remedios se remedear e em oito dias acabaram os seus dias, em que morreram bastantes sacerdotes e molheres, quasi o cabido todo, o que foi mais castigo dos grandes peccados que nos habitadores delia indignamos nestes Reinos a Magestade Divina por que sinaes evidentes nos tem mostrado pera emenda com apparecer cuberto o ceo de gafanhotos, e andar bandos de liens dentro da cidade de que bastantes escravos comeram de vários moradores, e queira Nosso Senhor que haja emenda dos nossos peccados pera que nam va mais adiante o castigo de Deus que o peor de todos e por mal dos moradores do Reino de Angola vay se enchendo a cidade de tantos ciganos de tanta quantidade que tem vindo, porque todos que se tem mandado por Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, todos vem parar ao Reino de Angola».

Fis. 213 verso - 214 — Tratando da '(segunda) conversão da Rainha Ginga no governo de Luís Martins Chichorro, tem essa

versão manuscrita curiosa o trecho seguinte que falta por completo no original de 1681, e consequentemente na edição impressa de 1940 (cf. Tomo li, pp. 130-1131):

«Devesse advertir que antes de se baptizar esta dita Rainha Ginga, governando o governador destes Reinos João Correa de Sousa, o qual foi seu padrinho do baptismo como se refere no dito seo governo, tinham ido dois Padres da Companhia em os Reinos de Dongo que são de 'Ginga em missam ham chamado P. F. Machado ⁽²⁾, e oultro o Padre F. Pacomio ⁽³⁾, o qual compos a *Doutrina Christ a* na mesma lingoa de Dongo, e o dito Padre compos hua Doctrina que se canta pella lingoa dos ditos pretos para facilmente se entenderem os misterios da nossa Fe Catholica que o dito Padre Pacomio industriosamente os compos com hum canto 'tão suave que enleva aos cantores em os misterios de hua Paixão de Christo nosso redemptor, de que fis muito para colher as toa das, porque algum tempo em cazas de muitos moradores desta Cidade faziasse cantar em tempo de Quaresma, que facilita este gentio a Doctrina Christam e fis o mesmo para que en^endão todos os misterios da fe os escravos da minha familia, e falando com hum morador antigo da villa de Massangano disse-me que ele aloansara em toda a villa o mesmo costume de se mandar cantar na quaresma a mesma Doctrina o qual se chamava Paschoal de 'Motta, e que elle o mesmo fasia em sua caza. Isto suposto que como tinha a dita Rainha estas antecedencias antigas nos seus Reinos que havia chegado aquelles missionários que começarão aquella seara em doutrinar e baptizar alguns dos seus receberão a verdadeira fé, he o motivo da sua conversão vir a esta cidade receber o sacramento do baptismo, que por motivos do demonio fosse herege, magica, e inimiga dos Christãos e Portuguezes, perseguindoos com todo o valor mais diabolico que forças mulheris. Agora pera

<(2) Suponho que devia ser o padre *António* (Machado, 'S. J., que missionava em terras angolanas .desde 116213 até à sua morte em 124 de Novembro de V&2/6. Of. Francisco IRodrigues, IS. J., *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, Tomo ni, vol. n i(iPorto, 19*44), págs. 24*8-51.

i(3)i O conhecido missionário Francesco 'Paccone l(iPacconio), 'S. J., que veio em 161*7 a Angola e que morreu em Lisboa aos 13 de Novembro de 1*641. Autor do celebrado livrinho, *Gentio de Angola suffi cien tem en te instruido nos mysterios da nossa Sancta Fé*, publicado pelo seu colega P.º António do Couto, S. J., em Lisboa, no ano de T6412.

(Página deixada propositadamente em branco)

se converter a fe segundo me contou hum Perfeito Fr. Jozeph de Modena, religiozo curiozo capuchinho de Sancto Antonio ⁽⁴⁾, que se achava em hum livro dos ditos Padres Capuchinhos das Missoáns da Ginga impresso ⁽⁵⁾, que o mayor motivo da dita Rainha Ginga já estando velha e a fez renunciar todo o pacto que tinha dita eom o demonio, Ifoi pello que acontece© a hum seo grande capitão a quem tinha mandado fazer guerra a hum s'ova contrario da dita Rainha a quem o dito capitão alcançou victoria, e no resbulho que fez na Banza do dito Sova achou um crucifixo que o capitam desprezando por não ter conhecimento delle nem da nossa sancta Fe Catholica o lançou em hum monturo e não fazendo caso delle, em a noite por sonhos lhe appareceo a sagrada imagem e lhe foi dizendo estas palavras: «Pera que me botaste fora, não sabes que eu sou o senhor das victorias e eu que fis para que tivesses victoria hide me buscar adonde me dexaste e lançaste que ali me achareis, e levai-me a tua senhora e dizerihe o que te disse, e vereis que mais ha de mais me estimar que toda a bagagem que leves», e tanto que amanheceo logo sem demora foi para o lugar adonde 'rinha lançado a sagrada imagem de Christo Nosso Redemptor e logo sem dizer a ninguem o que sonhara ou para melhor (occulto juizo de ¡Déos) o revellou a hum gentio, para obrar suas maravilhas chegado que foi o dito capitam Ginga a Mona na Banza da Rainha deo conta de toda a empreza e victoria que alcançara e a bagaje e lhe descubrió o sancto crucifixo o qual visto por ella se pos de joelhos e chorando soluçando sem mais tracto de bagagem enviou os ditos embaixadores para virem buscar os sobretidos missionários para a sua conversão e do seu Reino como se verá mais adiante louvado seja Deos que sam os seus auxilios que a todo o tempo sam eficazes que entre ^{*}(?) chegou naquella ja não 'esperada conversam de hua inimiga dos Catholicos e magica que chegou abominar o que algum tempo adorava e vivia (?) na verdadeira

⁽⁴⁾ p Fr. Giuseppe ¡Monari de Mo'dJena, O. F. M., Cap., foi prefeito da fissão dos capuchinhos no Congo, com sede em Luanda, pelo ano de 1723.

⁽⁵⁾ (Provavelmente a obra do P.º Fr. Francesco (Maria Gioia da Napoli. O. F. M., Cap., *La Maravigliosa i Conversione Alla Santa Fede Di Cristo pella Regina Singa E Del Suo Regno Di Matamba NelVAfrica Meridionale* (Napoli, l'âd9), a não ser que seja indicada a versão dada pelo P.º Fr. Giovanni Antonio Cavazzi ida Montecuccolo, O. F. M., Cap., *Istorica Descrizione de'tre'regni Congo, Matamba, et Angola* (Bologna, (10S7), págs. 633-'635.

Fe Catholica com actos de boa Christã recebendo todos os sacramentos em a mão do missionário a quem lhe instmia com grande espirito e virtude na verdadeira Fe Catholica».

Não vale a pena indicar aqui os outros muitos trechos e capítulos em que esta versão manuscrita da *Historia* de Cadomega difere do original de 1681 que foi impresso em 1940-42. iDevo acrescentar, porém, que esta versão manuscrita é incompleta, porque acaba repentinamente em Fl. 230 *verso*, no meio de um capítulo intitulado «Guerras no governo de João Femandes Vieyra», com um parágrafo que começa: «Neste tempo faleceo também Dom Philippe Primeiro Angola Hari Rey de Dongo Senhor das Pedras de Pungo, vaçalo da Coroa de Portugal, o qual morreo catholicamente com os sacramentos da Sancta Madre Igreja», e que corresponde ao texto do Tomo II, pág. '224, da edição impressa em 1940.

Por remate, posso dizer que esta versão do Museu Britânico foi escrita entre 1720 e 1745 em Luanda, baseada principalmente em algum original ou cópia da *História* de Cadornega de 1681 mas que também insere trechos extensos da *Vida do Padre Joam cTalmeida* (Lisboa, 1658) além de muitas modificações e observações feitas pelo autor (ou autores) anónimo.

Talvez valesse a pena cotejar esta versão e estas folhas avulsas da *História* de Cadomega com as que estão na Biblioteca Pública de Évora e sumariamente descritas no *Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca Publica Eborense*, por J. H. Cunha Rivara, Tomo I, pág. 244 (Évora, 1850).